

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JOÃO VITOR JACONI CONCEIÇÃO
SABRINA ALVES QUEIROZ
SEVERINA RODRIGUES DA SILVA**

**CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS
SOBRE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO**

VOLTA REDONDA

2020

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS
SOBRE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO**

**Artigo apresentado ao Curso de
Enfermagem do UniFOA como
requisito à obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.**

Alunos:

João Vitor Jaconi Conceição

Sabrina Alves Queiroz

Severina Rodrigues da Silva

Orientadora:

**Prof^a. Dr^a Renata Martins da Silva
Pereira**

VOLTA REDONDA

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alunos:

João Vitor Jaconi Conceição
Sabrina Alves Queiroz
Severina Rodrigues da Silva

CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO

Orientadora:

Dr^a Renata Martins da Silva Pereira

Banca Examinadora:

Prof^a. Tatiana Aragão Corrêa Aridrigui

Prof^a. Ana Lúcia Torres Devezas Souza

DEDICATÓRIA

Com gratidão dedicamos este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível. Aos nossos pais, nossos maiores e melhores orientadores na vida. A nossa orientadora Renata cuja dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho .A todos que de forma direta ou indireta nos ajudaram de alguma forma no decorrer dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final. Somos gratos às nossas famílias pelo apoio que sempre nos deram durante toda a nossa vida, principalmente acadêmica. Deixamos um agradecimento especial a nossa orientadora pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao nosso trabalho de conclusão de curso. Também queremos agradecer à Universidade UniFOA e a todos os professores do nosso renomado curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias sobre a prevenção do câncer de colo uterino. A população do estudo foi composta por estudantes de um Centro Universitário em um município no interior do estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um estudo transversal e de cunho descritivo. O estudo justifica-se devido aos altos índices de câncer de colo uterino no Brasil, daí, houve a necessidade de conhecer a fala de jovens universitárias que não sejam da área da saúde acerca do assunto. No estudo obteve-se resultados positivos, como por exemplo: a maioria das acadêmicas têm conhecimento sobre o exame preventivo, um número significativo já ouviu falar sobre o HPV e tinham ciência da prevenção do HPV através da imunização, onde a qual a maior parte relata ter sido imunizada; porém, em contrapartida, temos os resultados negativos, como: uma porcentagem significativa das acadêmicas sabe para que serve do exame preventivo, além de desconhecerem a sigla HPV. e também não sabem o que quer dizer a sigla HPV. Em relação a atitudes e práticas das acadêmicas, observou-se que a maioria das universitárias exame necessário, mas apesar de reconhecer a importância, nem todas fazem o exame; e quando abordadas sobre a necessidade do tratamento, destacam-se participantes que não realizam o tratamento adequadamente.

Palavras-chave: Conhecimento; câncer de colo do útero; estudantes do ensino superior; prevenção.

ABSTRACT

This research aims to evaluate the knowledge, attitudes and practice of young university students on the prevention of cervical cancer. The study population consisted of students from a University Center in a municipality in the state of Rio de Janeiro. This is a cross-sectional and descriptive study. The study is justified due to the high rates of cervical cancer in Brazil, so there was a need to know the speech of young university students who are not in the health field on the subject. In the study, positive results were obtained, for example: most academics are aware of the preventive exam, a significant number have heard about HPV and were aware of HPV prevention through immunization, where most of them report having been immunized ; however, on the other hand, we have negative results, such as: a significant percentage of academics do not know what the preventive exam is for and also do not know what the acronym HPV means. Regarding the students' attitudes and practices, it was observed that most university students find the exam necessary, but despite recognizing the importance, not all of them take the exam, representing a significant number and when approached about the need for treatment, they stand out participants who do not perform the treatment properly.

Keywords: Knowledge; cervical cancer; higher education students; prevention.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 0.5 |
| CONTEXTO E PROBLEMA | 0.5 |
| JUSTIFICATIVA | 0.7 |
| CONTRIBUIÇÃO | 0.7 |
| QUESTÃO A INVESTIGAR | 0.8 |
| OBJETIVO | 0.8 |
| METODOLOGIA | 0.8 |
| TIPOS DE PESQUISA | 0.8 |
| UNIVERSO DA PESQUISA | 0.8 |
| INTRUMENTO UTILIZADO | 0.9 |
| REFERÊNCIAS..... | 1.0 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) | 1.1 |
| CRONOGRAMA | 1.2 |
| PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO | 1.3 |
| QUESTIONÁRIO | 1.4 |

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é o conhecimento, atitude e prática de jovens universitárias em relação a prevenção contra o câncer de colo do útero.

Dados dos Registros de Câncer e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/MS) apresenta o câncer do colo do útero como uma das principais causas de morte no Brasil. Em 2018, contabilizaram-se 16.370 novos casos (8,1 % das mulheres) em todo território brasileiro; seu número mais alarmante no estado do Amazonas, que apresenta 47,28% de casos para cada 100 mil mulheres (INCA, 2019).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer do colo do útero se caracteriza pela replicação desordenada do epitélio de revestimento do órgão, comprometendo o tecido subjacente (estroma) e, conseqüentemente, ocorre-se a possibilidade de invadir estruturas e órgãos contíguos ou à distância. Há duas principais categorias de carcinomas invasores do colo do útero, o que depende da origem do epitélio comprometido: o carcinoma epidermoide, tipo mais incidente e que acomete o epitélio escamoso (representa cerca de 90% dos casos), e o adenocarcinoma, tipo mais raro e que acomete o epitélio glandular (cerca de 10% dos casos) (INCA, 2019).

Logo, representa-se por uma doença de desenvolvimento lento, que pode cursar sem sintomas em fase inicial e evoluir para quadros difíceis, como o de sangramento vaginal intermitente ou após a relação sexual, secreção vaginal anormal e dor abdominal associada com queixas urinárias ou intestinais, nos casos mais avançados. O câncer do colo do útero é raro em mulheres de até 30 anos e, o pico de sua incidência, dá-se na faixa etária de 45 a 50 anos (INCA, 2019).

O câncer de colo de útero (CCU), também chamado de câncer cervical, é passível de prevenção e controle por meio da triagem e do tratamento precoce, mas pode ter sua taxa de mortalidade aumentada em 10% nos próximos dez anos, caso essas ações não sejam realizadas. (COSTA et al, 2011).

Nesse contexto, vira-se indispensável a implementação de políticas públicas na atenção básica de saúde, visando promover ações de prevenção, detecção

precoce e tratamento do câncer do colo de útero. A atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS), torna-se primordial para dispensar uma atenção de cuidado que privilegie a saúde da mulher como um todo. A consulta de enfermagem amplia as ações, e possibilita a mulher a discutir sua vivência e prevenir-se por meio do autocuidado consciente e voltado para responsabilização com o serviço de saúde.

Outra estratégia de controle do CCU é a vacinação contra o papilomavírus humano (HPV). A faixa etária para o sistema de vacinação foi escolhida por apresentar benefícios, pois, neste período, há uma grande produção de anticorpos, devido a menor exposição ao vírus através das relações sexuais. Logo o sistema vacinal foi ampliado, propiciando vacinas para meninos de 11 a 14 anos de idade (INCA, 2019).

Atualmente são diversos os fatores de risco que podem levar ao CCU, como por exemplo: o início precoce da atividade sexual, envolvimento sexual com vários parceiros, multiparidade, infecções sexualmente transmissíveis, incluindo a infecção causada pelo HPV, AIDS, doenças como diabetes, lúpus, imunossupressão, tabagismo, entre outros. E, a prevenção primária, está intimamente ligada à redução da exposição a esses fatores (NARCHI et al, 2013).

Entretanto, mesmo como todos os programas de prevenção e assistência nos países desenvolvidos, existem inúmeras barreiras que estão contribuindo para a diminuição do rastreio do CCU, como: o horário de abertura das clínicas que realizam o exame de prevenção (Papanicolau ou preventivo), medo do resultado ou tratamento, medo de realizar o exame por achar incômodo, entre outras barreiras que podem levar a mulher a não realização do exame (PEREIRA e LEMOS, 2019).

O estudo justifica-se aos altos índices de câncer de colo uterino no Brasil, portanto houve o interesse em buscar os conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias que não sejam da área da saúde acerca do assunto.

Espera-se que os dados ora apresentados possam trazer benefícios quanto a informação, sobre a prática de prevenção do câncer de colo do útero, considerando as realidades de jovens que já estão no ensino superior e podem ainda, disseminar tais informações frente aos seus pares. Sendo assim, um estudo que trata de CAP de prevenção de universitárias das áreas de humanas e exatas em um centro universitário, torna-se relevante.

Ademais, dentre inúmeras vertentes existentes sobre a temática, como a fala de docentes de enfermagem acerca do câncer do colo de útero; ou ainda um estudo bibliográfico acerca da prevenção do colo de útero; optou-se por realizar uma pesquisa que busca conhecer a visão de universitárias afora dos assuntos centrados na saúde e, principalmente, do câncer do colo de útero.

O presente estudo contribui com o conhecimento de mulheres sobre o câncer do colo do útero e as alerta a se atentarem para a prevenção de infecções em geral, além de abordar questões sobre a importância de exames de rotina e consultas ginecológicas. Estudo este, que tem contribuição também para a área de saúde e acadêmica a qual através da pesquisa pode-se destacar a importância de ações complementares, bem como subsidiar o desenvolvimento de ações educativas, voltadas para o câncer do colo de útero e dirigidas à promoção de hábitos e condutas que contribuam para a melhoria das condições de vida e de saúde de mulheres, assim, gradualmente, contribuindo para a diminuição dos casos de câncer do colo do útero.

O cuidado direcionado para prevenção de uma patologia que necessita de rastreamento de forma periódica, promove a reflexão sobre a Teoria do autocuidado de orem.

A Teoria do Autocuidado alia-se à prática de cuidados executados pelo indivíduo passível de necessidades para manter-se com vida, saúde e bem-estar. Essa teoria engloba: o autocuidado, a atividade de autocuidado, a exigência terapêutica de autocuidado, e os requisitos para o autocuidado. (BEZERRA, Maria; et al. 2018)

Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se abordar e discutir o autocuidado, baseado no conhecimento, nas atitudes e práticas das universitárias; analisou-se, ainda, o que caracteriza o papel do enfermeiro em estimular o autocuidado no manejo à saúde da mulher e na prevenção de patologias ginecológicas. Torna-se imprescindível o olhar da enfermagem com toda a equipe de saúde, voltado a ensinar e ajudar jovens no processo de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, do câncer de colo uterino e na vivência de sua sexualidade de forma saudável.

Frente as discussões acima, questiona-se: Quais conhecimentos, atitudes e práticas estudantes universitárias de cursos que não são da área de saúde, apresentam sobre a prevenção do câncer de colo uterino?

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar conhecimentos, atitudes e práticas de jovens universitárias sobre a prevenção do câncer de colo uterino.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e que utiliza a metodologia de inquérito do tipo CAP (Conhecimento, Atitude e Prática), visando avaliar o nível de conhecimentos, atitudes e práticas de uma população sobre determinado assunto (WHO, 2008).

A utilização de inquéritos do tipo CAP é bastante difundida nos âmbitos nacional e internacional, consistindo em um conjunto de questões para mensurar o que um grupo sabe e pensa sobre determinada situação/problema e como atua-se nele (LIMA et al, 2020).

A população do estudo, compôs-se por estudantes do sexo feminino de um Centro Universitário em um município no interior do estado do Rio de Janeiro. O Centro Universitário conta com cursos da área de saúde, humanas e exatas. Existem seis Campus distribuídos pelo município; porém, para este estudo, realizou-se o recorte apenas de estudantes dos cursos de humanas e exatas do Campus Três Poços.

A amostra definiu-se de forma não-probabilística por julgamento. Foram selecionadas alunas de cursos que não são da área de saúde. A pesquisa obteve 105 estudantes como participantes, dos cursos de Design, Direito, e das Engenharias: ambiental, civil, elétrica, mecânica e de produção. Os critérios de inclusão, denominaram-se como: estudantes maiores de 18 anos de variados períodos dos cursos pesquisados. Excluiu-se aquelas que após a apresentação da natureza e os objetivos da pesquisa não aceitarem participar.

O instrumento de coleta de dados originou-se em um questionário, elaborado pelos pesquisadores, tendo como base outros estudos que apresentam objetivos semelhantes. A plataforma *Google Forms* foi a escolhida para a montagem do questionário, o que apresentou o TCLE às participantes antes das perguntas.

O questionário foi enviado por e-mail ou redes sociais às possíveis participantes, de modo que se explicou a natureza da pesquisa, seu caráter anônimo e que as perguntas poderiam deixar de ser respondidas a qualquer momento pelas participantes.

O questionário contou com perguntas de múltipla escolha, contendo três seções: conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias sobre a prevenção do câncer de colo do útero.

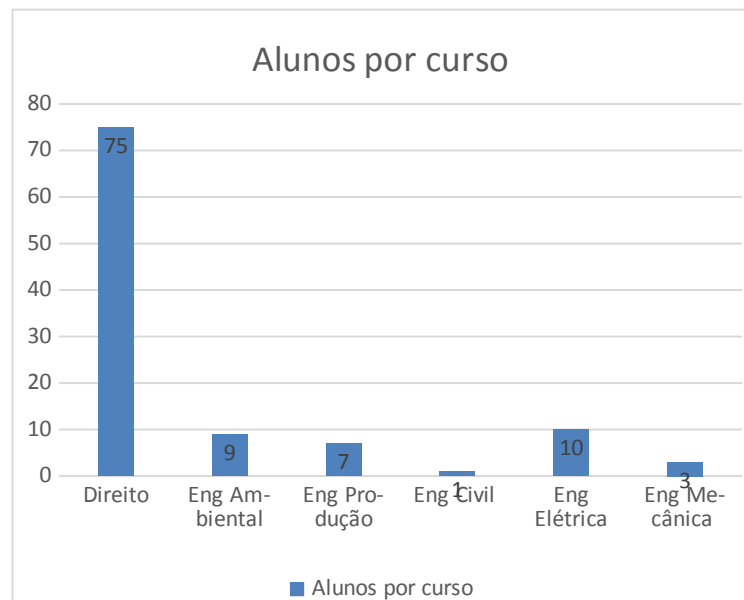
O presente estudo seguiu os preceitos éticos descritos na resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde- CNS, a qual regulamenta os aspectos legais para Pesquisas com Seres Humanos,-no CEP com número de parecer 4.013.372.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

À vista de terem participado do estudo 105 estudantes universitárias, a idade variou entre 18 a 42 anos, com a média de 25,3 anos. Quando questionadas sobre a realização do exame preventivo, 55 (52.3%) realizou-se, primordialmente, em mulheres com idade entre 20 e 22 anos.

Em estudo similar a esse realizado no vale do Paraíba, aplicou-se um questionário de múltipla escolha, com questões mistas e respostas livres para universitárias do curso de graduação em enfermagem de uma IES do interior paulista. Obtiveram 149 respostas, nas quais encontrou-se uma faixa etária de idade das entrevistas similar ao-presente artigo. Sendo 45 (30.20%) alunas de 18 a 21 anos, 43 (28,86%) de 22 a 26 anos, 33(22,15%) alunas de 27 a 31 anos, 16 (10,74%) alunas 32 a 36 anos, 10 alunas (6,71%) 37 a 41 anos, 1 (0,67%) aluna de 42 a 46 anos, 1 aluna (0,67%) de 47 a 51 anos (Carvalho et al.,2015).

FIGURA 1- Distribuição das estudantes por curso de graduação. Volta Redonda, RJ. 2020.



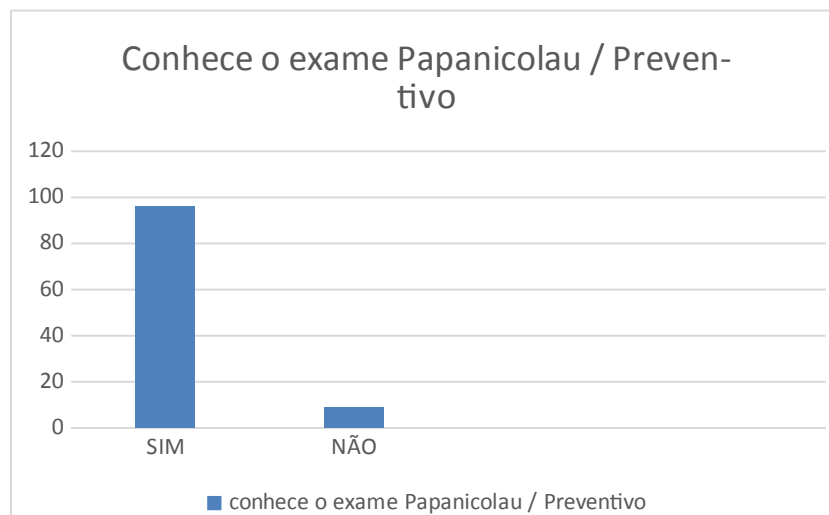
Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Nesse estudo, abordaram-se 105 alunos, com um questionário a respeito do câncer do colo uterino, obteve-se 75 (71.42%) respostas dos alunos de direito, 9

(8.57%) alunas de Eng. Ambiental, 7 (6.66%) alunas de Eng. produção, 1 (0,95%) aluna de Eng. civil, 10 (9.52%) alunas de Eng. elétrica e 3 (2.85%) alunas Eng. Mecânica.

Em relação ao período cursado pelas participantes, 12 (11.42%) alunos do 1° período, 5 (4.76%) do 2° período, 18 (17.14%) do 3° Período, 7 (6.66%) do 4° período, 10 (9.52%) do 5° período, 11 (10.47%) do 6° período, 15 (14.28) do 7° período, 7 (6.66%) do 8° período, 9 (8.57%) do 9° período, 11 (10.47%) alunos do 10° Período. O que demonstra, portanto, uma distribuição variada das fases de formação das participantes, assim como suas idades e prováveis experiências com a prevenção do CCU.

FIGURA 2- Conhecimento a respeito do exame preventivo/ Papanicolau. Volta Redonda, RJ. 2020.

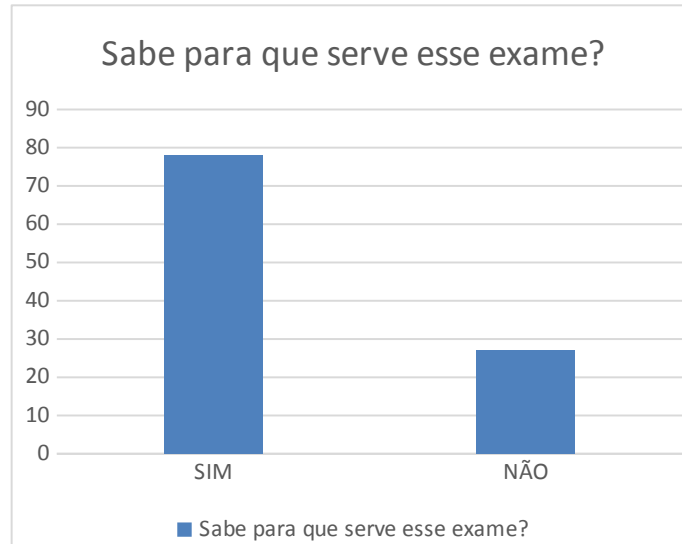


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Ao analisar a figura 2, obteve-se 96 (91.42%) de respostas positivas sobre a questão do conhecimento em relação ao exame preventivo e 9 (8.57%) respostas negativas, demonstrando que ainda há pessoas que não conhecem o exame e, conseqüentemente, não estariam aptas a realizá-lo em momento oportuno.

Outro estudo desenvolvido em São Paulo com estudantes de graduação em enfermagem, aponta resultados similares a este, o qual entrevistou-se 123 alunas, e acarretou-se 117 (95,1%) respostas afirmando ter o conhecimento prévio do exame e 6 (4,9%) alunas relatam não conhecer o exame (BALDUINO et al., 2016).

FIGURA 3 – Conhecimento das participantes sobre a finalidade do exame. Volta Redonda, RJ. 2020.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Ao coletar os dados obtivemos 27 (25,71%) das alunas relatando que desconhecia a finalidade do exame e 78 (74,28%) relatando ter conhecimento do objetivo do exame.

Em estudo desenvolvido com estudantes da graduação de enfermagem do estado de São Paulo, apresentou-se, na pesquisa, resultados similares ao presente estudo. Dessarte, das 123 alunas participantes, 109 (89%) responderam que sabem para que serve o exame e 14 (11%) relatam não saber para que serve o exame. Desta forma, torna-se necessário que os enfermeiros trabalhem as questões de educação em saúde para todos os públicos, não somente aos frequentadores das unidades de saúde, mas que também as informações possam ser disseminadas em outros espaços, assim como nos espaços de formação, desde o ensino médio até o ensino superior. (BALDUINO et al., 2016)

O questionário contava com uma questão aberta para conhecer o que as estudantes sabiam sobre o exame preventivo, o que expôs-nas respostas ligadas à sua real função de detecção de sinais precursores do câncer de colo do útero ao caráter preventivo do exame, como observa-se nos trechos abaixo:

Para saber se tem os primeiros sinais de desenvolvimento de câncer no colo do útero ou doenças sexualmente transmissíveis já que o exame é só para mulheres que possui a vida sexual ativa.

Exame preventivo para analisar fluidos do colo do útero para detectar existência de câncer no colo do útero, hpv e também detecta dst.

Prevenção ao câncer de colo do útero.

Em maio de 2014, lançado pelo Ministério da Saúde (MS), a Política de Atenção a saúde da mulher, teve como um dos objetivos fortalecer a prevenção de câncer de colo de útero com ações educativas em saúde e a ressalta da importância de realizar exames de rastreamento. Com isso, a diligência do enfermeiro na prevenção de câncer uterino é essencial e, através da prevenção primária e secundária, realizam-se ações que objetivam o controle de câncer cervical atuando na promoção, prevenção, rastreamento, detecção precoce, diagnóstico, tratamento, reabilitação e cuidados paliativos. (BATISTA, 2015).

Já, nas falas abaixo, destacam-se as questões preventivas ligadas ao exame e a necessidade de periodicidade na realização deste-

É um exame de rastreamento para detectar doenças sexualmente transmissíveis ou câncer de colo do útero.

Ele serve para detectar alterações na parede uterina e a presença de fungos, bactérias e vírus.

Procurar alterações e doenças no colo do útero em mulheres que já tiveram sua primeira atividade sexual.

De acordo com o Ministério da Saúde, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, o que podem-se ser transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Houve, ainda, participantes que citaram o diagnóstico da infecção por HPV no exame preventivo, além de lesões e alterações no tecido uterino, como observa-se no trecho abaixo:

Para encontrar cedo lesões ou alterações do tecido uterino que indiquem a presença do HPV.

As lesões causadas pelo HPV podem ser apresentadas como verrugas vistas aos olhos nus, conhecida popularmente como “crista de galo”; entretanto, podem ser encontradas as subclínicas, que não são vistas aos olhos nus. Esse caso, recebe o nome de intraepiteliais e apresentam nenhum sintoma ou sinal. A infecção pelo HPV está associada principalmente ao desenvolvimento de lesões benignas e malignas da área ano genital masculina e feminina. Todavia, esta infecção pode ter uma localização extragenital, como olhos, laringe e trato aerodigestivo. (GIRALDO et al.,2008)

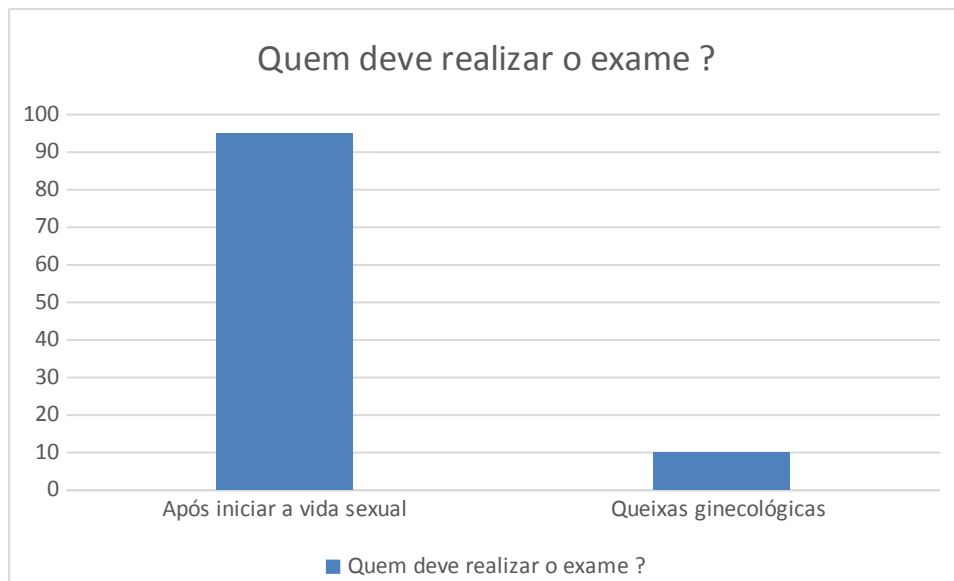
Em relação a prática do exame, a maioria das participantes, ou seja, 91 (90%) descreveram o exame caracterizado por incômodo e, uma pequena porcentagem, 10 (10%) acadêmicas descreveram como dolorido. Sabe-se que o exame ginecológico difere de outros exames de partes diversas do corpo, pois pode-se gerar ansiedade frente a exposição da intimidade da mulher, o que pode estar relacionado a queixa de dor ou desconforto. Há ainda que se ressaltar a importância da delicadeza e destreza do profissional ao realizar o posicionamento do espécule e a coleta do material para o exame.

Em outro estudo desenvolvido com acadêmicas equivalente ao descrito, no qual foram abordadas 149 acadêmicas de enfermagem localizada no interior paulista, porém, somente 108 dessas acadêmicas descreveram o que sentiam ao realizar o exame ginecológico. Logo, 18 (16,66%) disseram ser confortável, 11 (10,18%) alunas afirmaram ficar constrangidas, 2 (1,85%) constrangida e desconfortável, 1 (0,98%) constrangida e com dor, 5 (4,62%) Constrangida, desconfortável e envergonhada, 20 (18,51%) Desconfortável, 4 (3,70%) Desconfortável e envergonhada, 1 (0,98%) Desconfortável e segura, 17 (15,74%) Envergonhada, 4 (3,70%) Não respondeu, 1 (0,98%) Natural e confortável, 2 (1,85%) Normal, 20 (18,51%) Protegida, 2 (1,85%) Protegida e envergonhada. (CARVALHO, Bruno, et al. 2015)

Sobre a periodicidade do exame, 96 (91%) participantes responderam que devem ser realizados anualmente; 9 (9%) responderam que não.

Em outro estudo, realizado com acadêmicas com idades similares ao apresentado, obteve-se resultados equivalentes, os quais 88% das acadêmicas não realizaram o teste. De acordo com o protocolo recomendado pelo Ministério da Saúde, 12% relatam que fizeram dentro do protocolo. (CARVALHO et al.,2015)

FIGURA 4 – Opinião das participantes sobre quem deve realizar o exame. Volta Redonda, RJ. 2020.

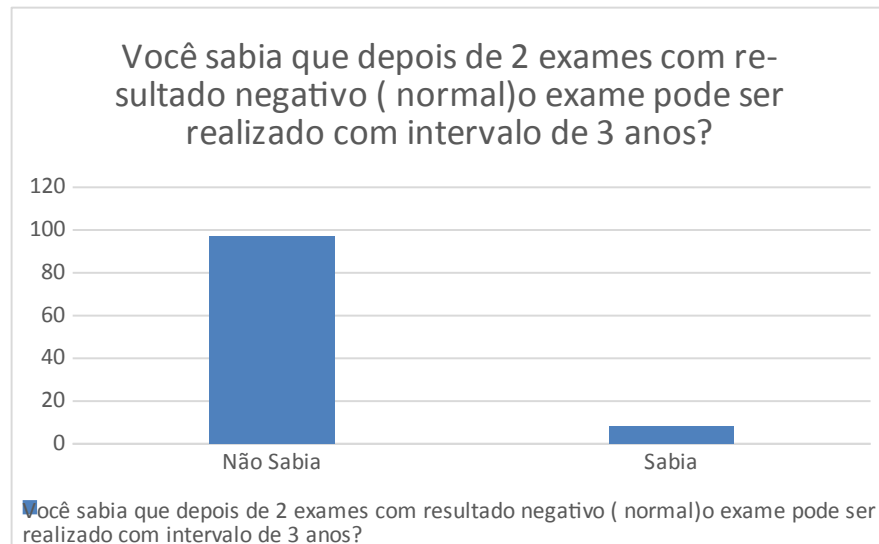


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Por conseguinte, a figura 4 retrata que 96 (90,6%) acadêmicas responderam que o exame preventivo deve ser realizado logo após iniciarem a vida sexual, 10 (9,4%) relataram que deverá ser realizado em mulheres que apresentarem queixas ginecológicas.

Segundo o protocolo do Ministério da Saúde, o rastreamento deve ser realizado a partir dos 25 anos em todas as mulheres após iniciarem a atividade sexual, a cada três anos, se os dois primeiros exames anuais forem normais. Os exames devem seguir até 64 anos de idade. (MINISTERIO DA SAUDE, 2016)

FIGURA 5 – Conhecimento das participantes sobre o intervalo de 3 anos após exames normais. Volta Redonda, RJ. 2020.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Ao analisar ao gráfico, 98 (93%) acadêmicas responderam que não sabiam sobre este intervalo, apenas 7 (7%) acadêmicas responderam estar cientes do intervalo..

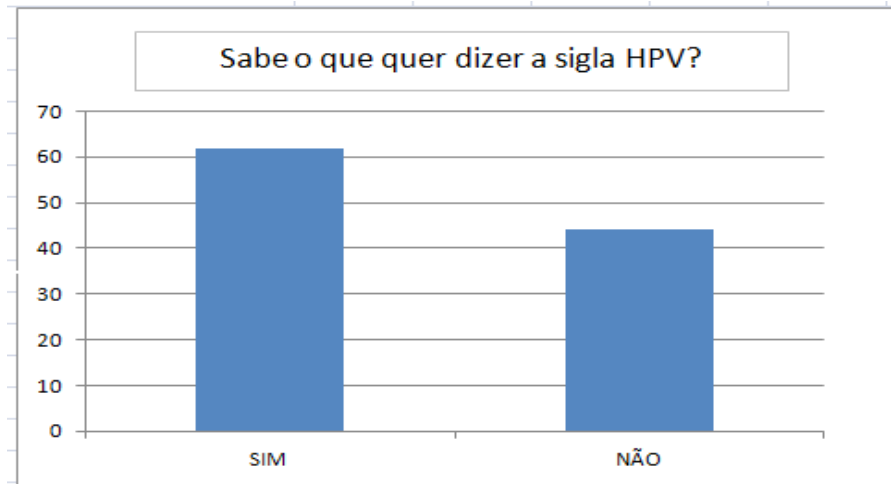
Em outro artigo realizado com acadêmicas de enfermagem na região Sul de São Paulo, em uma faculdade privada, obteve-se, no primeiro momento, resultado correlativo apresentado por 92,3% que desconheciam a periodicidade recomenda pelo Ministério da Saúde e, 7,7% responderam que sabiam. (SILVA et al.,2017)

Conhecer as indicações de acordo com a faixa etária e as condições clínicas demonstra-se importante para qualificar o cuidado e evitar o rastreamento em mulheres fora do preconizado e da periodicidade recomendada, evitando intervenções desnecessária.

Ao realizar o gráfico 103 (98%) das academias responderam que sim, eram familiares com o conhecimento da doença HPV, 2 (2%) acadêmicas responderam que nunca ouviram falar sobre a doença.

Em outro artigo realizado com universitárias de faixa etária similar, no qual 42 acadêmicas de enfermagem na Instituição de Ensino Superior de uma cidade mineira revelaram que 100% delas eram familiares com a noção do que vinha a ser o HPV. (TORES et al.,2019)

Figura 6 – Conhecimento das participantes sobre HPV. Volta Redonda, RJ. 2020.

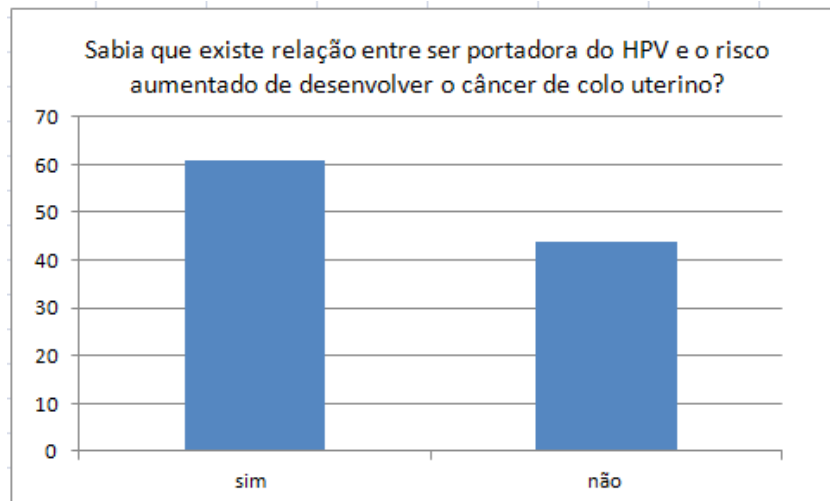


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A figura 6, entretanto, aponta o conhecimento das universitárias sobre a sigla do HPV. Ao realizar a análise, obteve-se as seguintes respostas: 62 (59%) das universitárias dizem conhecer a sigla, e 43 (41%) dizem não conhecer.

Em um estudo similar feito com 105 estudantes universitárias da UNIP em 2013, sendo 47 (45%) universitárias da área da saúde e 58 (55%) de outros cursos, o resultado apresentou que 43 alunas no total não sabiam o que significavam a sigla HPV, sendo 6 (14%) da área da saúde e 37 (86%) de outros cursos. (SILVA e DISCACCIATI, 2013)

FIGURA 7 - Conhecimento das participantes sobre a relação entre ser portadora do HPV e o risco aumentado de desenvolver o câncer de colo uterino. Volta Redonda, RJ. 2020.

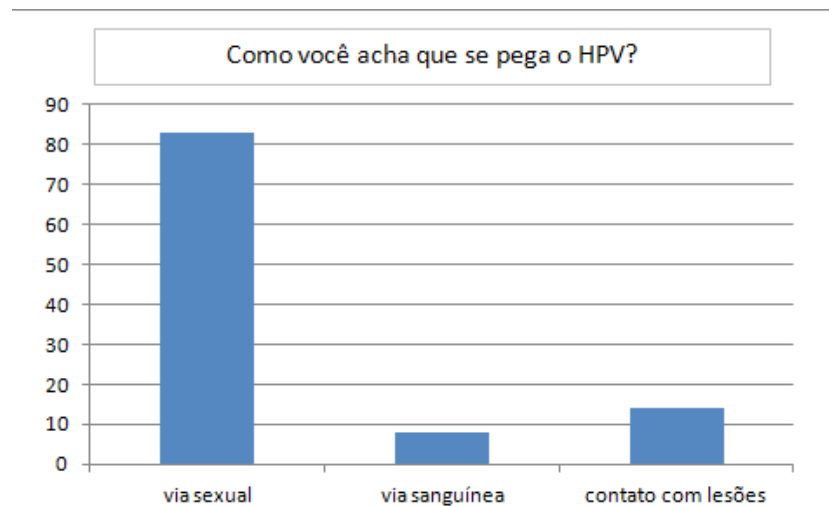


Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Logo, o seguinte gráfico aponta o conhecimento das universitárias sobre a relação do HPV com o risco de desenvolver o câncer do colo uterino. Ao analisar as respostas vimos que 61 (58%) das universitárias sabiam da relação, e que 44 (42%) não sabiam da relação entre as patologias.

Em um estudo similar feito com 105 estudantes da UNIP em 2013, sendo 47 (45%) universitárias da área da saúde e 58 (55%) de outros cursos, o resultado deu-se que 33 alunas no total não sabiam da relação entre ser portadora do HPV e o risco aumentado de desenvolver o câncer do colo uterino, sendo 3 (14%) da área da saúde e 19 (86%) de outros cursos (SILVA e DISCACCIATI, 2013).

Figura 8 - Conhecimento das participantes sobre contágio por HPV. Volta Redonda, RJ. 2020.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Na figura 8, apresentam-se as formas de contágio pelo HPV na perspectiva das participantes. A pergunta disponibiliza três tipos de opções, são elas: via sexual, via sanguínea e contato com lesões. Pela análise, adquiriu-se as seguintes respostas: 83 (79%) das universitárias acreditam que a transmissão seja por via sexual, 8 (8%) presumem que o contágio seja pela via sanguínea, e 14 (13%) supõem que seja pelo contato de lesões.

Em um estudo similar concluído com 73 universitárias, da área da enfermagem, de uma Instituição de Ensino Superior em uma cidade Sul Mineira sobre o conhecimento acerca do HPV, 61 participantes marcaram que a transmissão ocorre por contato genital-genital, prevalecendo uma porcentagem de 83,56% (LIMA, SILVA e MATIAS, 2019).

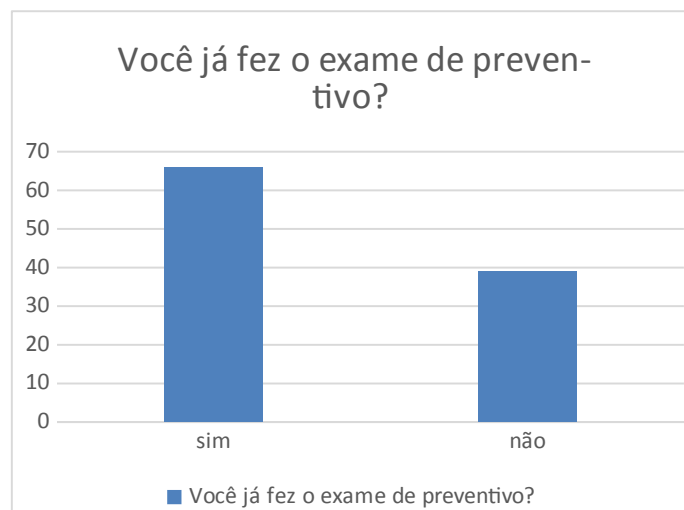
Em relação as atitudes das participantes frente a prevenção do CCU, avaliou-se o período em que essas procuram a UBS para realizar o preventivo. Alcançou-se as seguintes respostas: 12 (12%) procuram quando sentem algum sintoma, 61 (57%) procuram com periodicidade de 1 ano, e 33 (31%) nunca procuraram a UBS para fazer o preventivo.

Em um estudo similar realizado no interior do estado de São Paulo, com 123 entrevistadas, observou-se que 67 (54,5%) universitárias fazem o preventivo anualmente e 43 (35,0%) nunca fizeram o exame, 7 (5,7%) das universitárias realizam o exame semestralmente e 6 (4,8%) universitárias fazem a cada 2 anos (BALDUINO, COSTA e SOUZA, 2016).

Quando questionadas sobre suas impressões acerca do exame, obteve-se as seguintes respostas: 51 (49%) acreditam que o exame seja necessário, 43 (41%) acham importante e, conseqüentemente, realizam e 11 (10%) incentivam outras mulheres a realizarem o exame.

Em um estudo similar realizado em uma IES do interior paulista constituída por 149 acadêmicas, apontou-se que 80 (56,3%) universitárias acham o exame essencial, 57 (40,1%) acreditam que o exame seja importante e 12 (3,5%) não responderam. (FALAVIGNA, SILVA e FRAZILLI, 2015).

Figura 9 - Prática das participantes frente ao exame preventivo. Volta Redonda, RJ. 2020.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Ao analisar o gráfico, compreende-se que 66 (63%) das universitárias responderam que já realizaram o exame, e 39 (37%) responderam que não haviam feito.

Em um estudo feito com 123 universitárias do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium-SP, realizado com acadêmicas de enfermagem, relatou-se que 7

(5,7%) realizam o exame semestralmente, 67 (54,5%) anualmente, 6 (4,8%) a cada 2 anos e 43 (35%) nunca realizaram o exame preventivo. (BALDUINO et al.,2016)

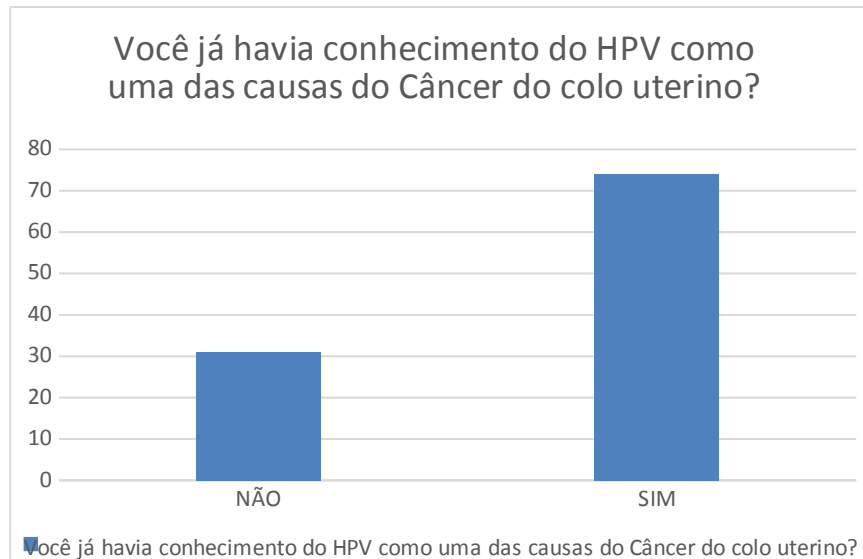
Sobre a prática das participantes referente ao tratamento realizado após o preventivo e sua necessidade para seu caso, apresentou-se que 44 (47%) das universitárias nunca precisaram fazer tratamento a partir do resultado, e que 35 (37%) responderam que não realizaram algum tratamento e 15 (16%) disseram que precisaram fazer um tratamento. Ao questionar sobre a realizam do tratamento 19 (28%) universitárias afirmaram que fizeram o tratamento completo e 50 (72%) disseram que não fizeram o tratamento completo.

Ademais, a partir de um outro estudo realizado com 123 universitárias, demonstrou-se que 5 (4,1%) das alunas já realizaram algum tipo de tratamento com ajuda de um profissional, 1 (0,8%) realizou um tratamento por conta própria e 117 (95,1%) nunca realizaram nenhum tratamento a partir do exame preventivo. E, quando questionadas sobre o tratamento de forma completa (BALDUINO et al., 2016).

Por conseguinte, a maioria das participantes, constando, portanto, que 93 (89%) tinham conhecimento sobre a vacina contra o HPV e 12 (11%) não tinham conhecimento. Logo, esse dado reflete nas campanhas de vacinação que têm efeito sobre o conhecimento da população e, ainda, por ser um grupo de participantes jovens, existe a possibilidade de terem experiência anterior de serem vacinadas durante a adolescência, o que aponta uma atitude/prática positiva frente a prevenção do CCU.

Em estudo realizado com 73 universitárias de uma Instituição de Ensino Superior Sul Mineira, apontou-se que 97,96% delas tinham breve conhecimento a respeito da vacina através de TV/Rádio, entre outros meios de comunicações (LIMA, SILVA e MATIAS, 2019).

FIGURA 10- Conhecimento do HPV como uma das causas do câncer do colo uterino. Volta Redonda, RJ. 2020.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Na figura 10, compreende-se que 74 (70.47%) tinham conhecimento sobre o HPV ser um vírus, o que pode implicar riscos mais agravantes para desenvolver câncer uterino. Além dessas, 31 (29.52%) das alunas relataram não ter conhecimento a respeito do HPV e sua relação com CCU.

Para mais, destacou-se que 106 (86,2%) das 123 participantes, relataram que a vacina tem o propósito de prevenir câncer do colo do útero, 9 (7,3%) que sua finalidade determina-se em prevenir sífilis, 6 (4,9%) alunas responderam que não têm conhecimento sobre o que a vacina previne e 2 (1,6%) não quiseram responder (BALDUINO et al., 2016).

Portanto, as respostas refletem que há muitas mudanças a se realizarem para levar informação confiável sobre a prevenção do CCU a jovens em todos os níveis educacionais. Desse modo, fica a necessidade de refletir sobre o papel de estudantes da área de saúde como disseminadores de informações que visam a prevenção e controle de doenças no meio acadêmico em que estão inseridos.

CONCLUSÃO

Frente aos resultados da pesquisa com 105 acadêmicas do sexo feminino que não são da área da saúde sobre os conhecimentos, atitudes e práticas acerca da prevenção do câncer do colo uterino, pode-se concluir que há

necessidade de realizar ações educativas voltadas para a saúde da mulher que visam levar conhecimento sobre o assunto, como prevenção do câncer do colo uterino através do diagnóstico precoce, além de outras ISTs que pode ser um fator de risco para a patologia em questão.

No estudo, obteve-se resultados positivos, como por exemplo: a maioria das acadêmicas têm conhecimento sobre o exame preventivo; um número significativo acarretava um breve conhecimento acerca do HPV e tinham ciência da prevenção da doença através da imunização, a qual a maior parte relata ter sido imunizada; porém, em contrapartida, temos os resultados negativos, como: uma porcentagem significativa das acadêmicas não terem conhecimento acerca da serventia do exame preventivo ou não saberem o que significa a sigla HPV.

Em relação a atitudes das acadêmicas, observou-se, portanto, que a maioria das universitárias acham o exame necessário; todavia, apesar de reconhecerem a importância, nem todas realizam o exame, representando um número significativo. Ademais, quando abordadas sobre a necessidade do tratamento, destacam-se participantes que não realizam o tratamento adequadamente.

Através dessa pesquisa, fez-se possível obter resultados significativos e valiosos, pois evidenciou-se a importância de ações educativas em saúde para a mulher em todos os cenários. No ambiente universitário, caracteriza-se como *mister* tornar prática cotidiana a orientação sobre cuidados preventivos, pois representa-se por um público jovem com vida sexual ativa, tornando-se necessária a educação em saúde da mulher para a melhoria dos níveis de conhecimentos, atitudes e práticas em relação à prevenção.

REFERÊNCIAS

INCA, Instituto Nacional do Câncer, Estatísticas de câncer, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer> >

BALDUINO, Jéssica; COSTA, Livia; SOUZA, Tamires. Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem sobre o câncer do colo uterino e do exame papanicolaou. Lins. SP. 2016

INCA, Instituto Nacional do Câncer, Conceito e Magnitude, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/conceito-e-magnitude> >

COSTA, Jaqueline Helen Godinho, et al. Prevenção do câncer de colo do útero em comunidades ribeirinhas atendidas pelo Programa Luz na Amazônia, Estado do Pará, Brasil. Rev Pan-Amaz Saude [online] 2011, vol.2, n.4, pp.17-22. ISSN 2176-6223. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232011000400003 >

INCA, Instituto Nacional do Câncer, Perguntas frequentes: Existe vacina contra o HPV?, 2019, Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/perguntas-frequentes/existe-vacina-contr-o-hpv>

NARCHI, N.Z, et al, Enfermagem em saúde da mulher: Prevenção e controle do câncer de colo do útero, p. 159, 2. ed, 2013, Barueri SP

PEREIRA J.D, LEMOS M.S. Preditores motivacionais de adesão à prevenção do câncer do colo do útero em estudantes universitárias. Psicologia da saúde, Estud. psicol. Campinas, 36, e170073, 2019.

BEZERRA, Maria; et al. Aplicabilidade da Teoria do Déficit do Autocuidado de Orem no Brasil: uma revisão integrativa. Brasília. J Manag Prim Health Care, 2018;9:e16

WHO Library Cataloguing-in-Publication Data. Advocacy, communication and social mobilization for TB control: a guide to developing knowledge, attitude and practice surveys. WHO/HTM/STB/68p. 2008.

LIMA, Ângela Beatriz de Castro et al. CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE CONHECIMENTO, ATITUDE E PRÁTICA NA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS. Enfermagem em Foco, [S.l.], v. 10, n. 7, fev. 2020. ISSN 2357-707X.

Disponível em:

<<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2341/555>>. Acesso

em: 07 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n7.2341>.

CARVALHO, Bruno; et al. Exame papanicolau: percepção de acadêmicas de enfermagem do vale do Paraíba. Revista REENVAP. V.1 n.8. 2015

INCA, Instituto Nacional do Câncer, Tipos de câncer: Câncer do colo do útero, 2019.

Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-utero> >

LIMA, Naiara; SILVA, Luara; MATIAS, Renata. Conhecimento de Universitárias Sobre o HPV. IX Congresso de iniciação científica da FEPI.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Cadernos de atenção Básica nº 13: Controle dos cânceres do colo do útero e da mama, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Diretrizes Brasileiras para o rastreamento do Câncer do colo do útero, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Protocolos da atenção básica, saúde das mulheres. Brasília. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Vacina contra HPV na prevenção de câncer de colo do útero: considerações finais, 2013.

PIRES, A. F. et al. A importância da teoria do autocuidado de dorothea e. Orem no cuidado de enfermagem. Rio de Janeiro. Revista rede de cuidados em saúde.2015

SILVA, Itiene; DISCACCIATI, Michelle. Conhecimento dos estudantes universitários sobre o câncer do colo do útero e infecção pelo Papillomavírus Humano. J Health Sci Inst. 2013;31(4):351-54

SOARES, Mirielle. O conhecimento dos acadêmicos de enfermagem acerca das medidas preventivas do HPV junto à população feminina. Niterói s.n. 2015

ANEXO 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CoEPS/UniFOA

1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa:

Título do Projeto: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO

Coordenador do Projeto: Renata Martins da Silva Pereira

Telefones de contato do Coordenador do Projeto: (24) 998172669

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa:

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - Prédio 3, sala 5. Campus Olezio Galotti
Av. Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325, Três Poços, Volta Redonda/ RJ
Cep:27240-560 Telefone: (24) 3340.8400 - Ramal 8571

2- Informações ao participante ou responsável:

(a) Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que tem como objetivos discutir a o conhecimento, atitudes e práticas de mulheres jovens sobre a prevenção do câncer de colo uterino. Ou seja, saber o que você sabe sobre essa patologia, quais os fatores de risco para o câncer de colo do útero e seus conhecimentos sobre a prevenção dessa doença.

(b) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre sua participação nesta pesquisa.

(c) Você poderá recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar a entrevista a qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o procedimento do questionário, você poderá recusar a responder qualquer pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento ou que não lhe deixe a vontade para responder.

(d) A sua participação como voluntário não proporcionará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a V.Sa.

(e) A sua participação não envolve riscos físicos ou químicos, por se tratar de pesquisa que utiliza seus depoimentos através de questionário; porém existem perguntas que podem trazer algum desconforto e você pode deixar de responde-las;

(f) Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo seu direito, ter seu nome preservado;

(g) Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes das participantes.

(h) Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Volta Redonda, ____ de _____ de 20 ____.

Participante: _____

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa: “CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICA DE UNIVERSITÁRIAS SOBRE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO”, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, na empresa UniFOA. O objetivo é avaliar conhecimentos, atitudes e prática de jovens universitárias sobre a prevenção do câncer de colo de útero.

A coleta de dados será realizada pelos estudantes do Curso de Enfermagem: João Vitor Jaconi Conceição, Severina Rodrigues da Silva e Sabrina Alves Queiroz e será feita através de um questionário.

Atenciosamente,

Renata Martins Da Silva Pereira

Pesquisador Responsável

De acordo em / /20

(Nome, cargo / carimbo)

Questionário

Idade: _____ Curso: _____

Período:

Conhecimentos sobre prevenção do Câncer de colo uterino

Você conhece o exame Papanicolaou / Preventivo? () sim () não

Sabe para que serve esse exame? () não Sim () Para quê? _____

O que você sabe sobre este exame?

() é incomodo () é dolorido () deve ser feito com regularidade anual

Quem deve realizar o exame?

() todas as mulheres com queixas ginecológicas () mulheres que tenham iniciado sua vida sexual como prevenção do câncer () somente mulheres idosas

Você sabia que depois de 2 exames com resultado negativo (normal), o exame pode ser realizado com intervalo de 3 anos? () sim Não ()

Você já ouviu falar do HPV? () sim () não

Sabe o que quer dizer a sigla HPV? () sim Não ()

Sabia que existe relação entre ser portadora do HPV e o risco aumentado de desenvolver câncer de colo uterino? () sim () não

Como você acha que se pega o HPV?

() via sexual () contato com lesões () via sanguínea

Atitudes sobre prevenção do Câncer de colo uterino

Quando você procura a Unidade Básica de Saúde para realizar o preventivo?

quando sente alguma coisa com periodicidade de 1 ano

nunca procuro a UBS para fazer o preventivo

Qual é sua impressão sobre esse exame?

necessário acho importante e faço incentivo outras mulheres a realizá-lo

Prática sobre prevenção do Câncer de colo uterino

Você já realizou o exame preventivo? sim Não

Se você respondeu SIM a pergunta anterior, prossiga, por favor, respondendo as seguintes:

Quando foi a última vez? há 1 ano mais de 1 ano não lembro

Precisou fazer algum tratamento a partir de seu resultado? sim não

Você fez o tratamento completo? sim Não

Questões sobre a vacina do HPV

Você já tinha conhecimento a respeito a vacina do HPV? Sim Não

Já foi vacinada contra o HPV? Sim Não

Você já havia conhecimento do HPV como uma das causas do Câncer do colo uterino Sim Não

Você sabia que o HPV é um vírus que pode ser transmitido sexualmente e desencadear o surgimento de verrugas genitais, que para prevenir existe a vacina do HPV? Sim Não